

Psicologia e epistemologia evolutiva: implicações para a psicoterapia*

Luiz Fernando de Lara Campos
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

As questões epistemológicas são inerentes a toda atividade científica. Dentro da Psicologia, estas questões são particularmente relevantes, pois determinam tanto o seu objeto de estudo como o caminho metodológico utilizado no decorrer de seu desenvolvimento.

O livro aqui resenhado tem como seu principal objetivo discutir uma proposta epistemológica nova, intitulada *evolutiva*, e suas possíveis implicações para a psicoterapia, retomando algumas posições de W. Wundt e tendo as noções de K.R. Popper como principal guia.

O primeiro capítulo discute as questões filosóficas relativas às relações estabelecidas entre as propostas sobre a natureza do conhecimento e a epistemologia evolutiva, a partir da concepção que a posição epistemológica positivista caracteriza-se por adotar uma posição justificacionista e racionalista em ciências como forma característica da construção do conhecimento científico. A autora desenvolve com muito cuidado e precisão a crítica ao modelo epistemológico positivista, na medida em que este se caracterizaria por uma sucessão de critérios racionais, propostos por uma autoridade, e que serviriam de justificação racional, necessária e suficiente para legitimar o próprio conhecimento, evitando o irracionalismo. Na continuação deste primeiro momento, é abordada a posição evolutiva, que ao contrário da positivista, baseia-se na posição não-justificacionista, em que o conhecimento não pode ser certificado ou legitimado por nenhuma autoridade, de forma que toda fonte de conhecimento é

bem-vinda, não apenas aquelas que são oriundas de uma autoridade. Dentro deste referencial, não existe um critério definitivo de verdade que possa ser adotado e validado, de modo que o possível é reconhecer erros e falsidades, buscando estabelecer uma nova ordem de conhecimento, que será mantida até que novos conhecimentos sejam descobertos. Miró encerra o capítulo defendendo a idéia de que a epistemologia evolutiva pode levar a uma forma de conhecimento capaz de incorporar os novos saberes, sendo que as possíveis rupturas com os limites anteriores da sabedoria anterior poderão ser absorvidos, não impedindo o desenvolvimento do próprio conhecimento.

No segundo capítulo, as possíveis influências da epistemologia evolutiva sobre o conhecimento humano são analisadas. Esta linha de pensamento, dentro da Psicologia, pode ser considerada de forma oposta em relação à sua origem, uma posição continuísta, que segundo Miró, seria origem da epistemologia evolutiva se remetendo à teoria comportamental-cognitiva, que com sua evolução tornou-se a semente deste movimento filosófico. A posição descontinuísta postula uma ruptura entre as linhas comportamentais-cognitivas e a posição evolutiva, uma vez que estas se baseariam em uma concepção epistemológica positivista, o que acabaria por inviabilizar sua validade. Entretanto, a autora esclarece, em seguida, que pelas próprias características da nova proposta, a posição dominante é decidir pela continuidade na evolução das teorias comportamentais-cognitivas, que acabaram por levar à posição evolutiva, que pode ser definida, dentro da Psicologia, como construtivista-cognitivista, na qual o conhecimento é compreendido como abstrato, implícito e prático. O capítulo termina com a visão da Teoria Motora da Mente e suas relações com a

* Miró, M.T. (1994) *Epistemologia Evolutiva y Psicología: implicaciones para la psicoterapia*. Valencia, Espanha: Promolibro.

Endereço para correspondência: Rua Uruguaiana, 1280, apto 502, Bosque, CEP 13026-002, Campinas, SP.

epistemologia evolutiva, uma vez que ambas concepções são similares quanto ao ser humano não ser um simples receptor de informação, mas ser um ativo construtor de seu mundo. Seu comportamento é governado por estruturas cognitivas abstratas e organizadas, que foram surgindo e evoluindo com a espécie humana, no desenvolvimento da sociedade.

Deste modo, o conhecimento e a sociedade são compreendidos, no terceiro capítulo, como fruto da evolução biológica e cultural. A autora disserta sobre os fundamentos filosóficos e psicológicos que sustentam a proposta evolutiva, tais como os limites de se utilizar a razão como fonte única de conhecimento e a irreduzibilidade dos fenômenos sociais no nível da psicologia individual. A sociedade não deve ser compreendida, portanto, como fruto de uma ordem artificial e intencional, pois desta posição decorrem ideologias autoritárias, de domínio e poder. Ao contrário, Miró defende que a sociedade deve ser compreendida como um fenômeno de ordem espontânea, que surge por si só e não tendo um objetivo pré-determinado. Este capítulo é encerrado com a discussão das regras de conduta individual e ordem social, que são frutos da evolução cultural humana, formada por inúmeras tentativas de gerações que, evoluindo, determinam as regras da ordem social, com a conduta individual como fruto da construção que o sujeito fez de seu mundo natural e social.

Miró no quarto capítulo enfoca os principais pontos para o estabelecimento de uma Psicologia Cultural, que não reduziria os fenômenos sociais no nível individual. A autora desenvolve seu escrito a partir da idéia de que existem três níveis de conhecimentos: o "Mundo 1" composto por objetos ou estados físicos da natureza, o "Mundo 2" onde estão os estados mentais como pensamento, emoções entre outros, e o "Mundo 3" constituído por conteúdos objetivos do pensamento humano, como os significados das idéias e dos pensamentos científicos. A evolução humana, no nível cultural e biológico, foi a responsável pelo surgimento do "Mundo 3", que na realidade representa a própria cultura da sociedade. A seguir, a autora relata a base psicológica desta proposta, oriunda fundamentalmente de W. Wundt, com uma grande ênfase em corrigir algumas dis-

torções históricas sobre a posição deste autor. A intenção de Wundt de criar uma Psicologia Cultural é retomada como ponto central da proposta construtivista, de modo que um enfoque psicológico sobre a relação entre o indivíduo e a sociedade pudesse ser delineado. O ambiente social em que o homem vive é compreendido como um fenômeno espontâneo, e não redutível ao psicológico (individual), pois é neste campo, relativamente estável e fixo, que o indivíduo se desenvolveria psicologicamente.

No quinto e último capítulo, a proposta de um construtivismo terapêutico é abordada, com principal ênfase à posição psicoterápica que decorre de seus pressupostos epistemológicos e objetivos. A verdade é compreendida como uma construção do indivíduo, que decorre de seu desenvolvimento em um mundo social e cultural espontâneo e estável. A compreensão dos problemas humanos, segundo Miró, devem ocorrer dentro de uma sociedade pós-moderna, onde uma nova concepção de consciência surge, apoiando-se, fundamentalmente, na obra de J. Ortega y Gasset. O homem pós-moderno é compreendido como o produtor do conhecimento, um agente ativo na construção de suas crenças, de suas emoções e experiências e não mais como um ser passivo das influências ambientais.

No geral, o livro traz informações recentes e bem fundamentais, retratando um enfoque, que pretende ser a nova revolução psicológica.

O livro e seus capítulos estão organizados de forma coerente, em linguagem de fácil compreensão para os leitores, embora o tema, por si só, não seja muito fácil.

A leitura deste livro é recomendada a todos os profissionais, não apenas os psicólogos clínicos, mas também aos que buscam conhecer as tendências atuais da ciência psicológica.

A proposta construtivista é ambiciosa e complexa. Cabe ao leitor avaliar as reais possibilidades deste novo enfoque, uma vez que seu surgimento é recente, e carece de um maior esforço investigativo sobre sua validade.